

# Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

## O Caçador Ambientalista: Theodore Roosevelt e os Acervos Museológicos de História Natural nos Estados Unidos

Sandro Dutra e Silva<sup>1</sup>

Resenha:

LUNDE, Darrin. *The Naturalist. Theodore Roosevelt, a lifetime of exploration, and the triumph of American Natural History*. New York: Crown Publishers, 2016

**T**ed Roosevelt é amplamente reconhecido pelo seu engajamento ambiental na criação de parques e áreas de proteção ambiental nos Estados Unidos. Durante o período em que assumiu a presidência dos Estados Unidos (1901 a 1909), ele promoveu o diálogo entre as instancias públicas de poder com importantes personalidades que atuavam no movimento de proteção à natureza naqueles pais. Podemos citar, por exemplo, o conservacionista Gifford Pinchot (1865-1946) e o preservacionista John Muir (1838-1914) – apesar de ser evidente a adesão de Roosevelt ao

---

<sup>1</sup> Doutor em História (Universidade de Brasília). Docente na Universidade Estadual de Goiás - UEG e na Universidade Evangélica de Goiás (Brasil). Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, da Sociedade Goiana de História da Agricultura e do Instituto Cultural e Educacional Bernardo Elis. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). ORCID: 0000-0002-0001-5726, E-mail: sandrodutra@hotmail.com

conservacionismo de Pinchot, à despeito da visão preservacionista de Muir. Essa atuação foi significativa e fez parte de um período conhecido pela história política dos Estados Unidos como a Progressive Era (1865-1918), que foi um período marcante para o contexto desenvolvimentista norte-americana – mas que também foi significativamente importante para os projetos jurídicos de proteção ambiental naquele país (STOLL, 2015).

Em sua obra *The Naturalist. Theodore Roosevelt, a lifetime of exploration, and the triumph of American Natural History*, Darrin Lunde (2016) escolheu outro caminho fascinante para narrar a trajetória desse grande estadista. Diferente de uma opção já muito utilizada pela historiografia ambiental, Lunde preferiu outro caminho, com enfoque, sobretudo, no engajamento de Roosevelt como o naturalista/caçador, e o seu papel fundamental para a institucionalização de museus de História Natural nos Estados Unidos. O texto procurou destacar, por exemplo, as influências de Ted Roosevelt para a formação e ampliação de acervos do *American Museums of Natural History* em Nova York e do *National Museum of Natural History* da Smithsonian Institution em Washington, DC.

Darrin Lunde atuou como supervisor da divisão de mamíferos no *National Museum of Natural History* da Smithsonian Institution, tendo trabalhado por mais de 20 anos com museus de história natural nos Estados Unidos. Como pesquisador participou de expedições científicas e na coleta de zoologia em diferentes continentes, e tendo, inclusive, dado nome a mais de uma dúzia de espécies novas de mamíferos. Por isso, a experiência do autor com o trabalho minucioso de pesquisar e naturalista em missão para os museus de história natural torna essa obra valiosa, na medida em que o relato biográfico não foge do foco central, que é o de relacionar experiências pessoais de Roosevelt com o seu trabalho como naturalista. A narrativa, portanto, foge do modelo tradicional das biografias, pois focaliza no papel de Theodore Roosevelt para a construção de coleções museológicas. E nesse caso, a sua expertise e a sua vocação como naturalista foi amplamente ressaltada na obra de Lunde, o que amplia o olhar para além dos dados da biografia política de Roosevelt. Quero dizer, que essa é a sua originalidade e relevância. Outro ponto favorável na narrativa de Lunde é que a sua experiência e vivência no cotidiano das pesquisas em museus nos coloca dentro desse universo institucional muito particular, que são espaços exclusivos dos pesquisadores e estranhos ao visitante contumaz dos museus. Lunde explora os espaços de pesquisa e taxidermia, com suas salas preparadas para receber o acervo coletado nos campos, e que são, na verdade, fruto do ofício do naturalista caçador, com suas armadilhas e armamentos que compõe a aventura do zoólogo que frequenta os ambientes hostis da coleta animal. O visitante, muitas vezes, se acostuma com os grandes painéis de exibição, mas desconhecem a arte e o ofício do trabalho científico por detrás das grandes coleções dos museus. Por isso, a obra de Lunde também homenageia o trabalho dedicado de

cientistas, taxidermistas, exploradores, cartógrafos e uma equipe extensa de suporte que as expedições científicas agrupavam e que as coleções dos museus mundo afora preservam (ELIAS, MARTINS & MOREIRA, 2018).

O texto é valioso não apenas por apresentar Roosevelt com um naturalista, descrevendo diferentes momentos na coleta de espécies em diferentes ecossistemas do planeta. Mas é rico em apresentar um momento importante da história científica mundial e no qual a personagem se insere que é o momento em que os museus de história natural comissionavam cientistas a explorar, documentar e coletar espécies, tanto para a finalidade científica quanto para exibição. A obra de Lunde se insere nesse importante debate, ao afirmar que, como um naturalista especializado em coletas de zoologia, e como Roosevelt, especializado em mamíferos, passou grande parte de sua vida preparando armadilhas e atirando em animais. Esse ofício sempre a serviço da ciência nas missões institucionais para os museus em Nova York e Washington. Por essa razão, segundo o próprio autor, ele tem muito a contribuir em termos de produção do conhecimento sobre o universo cativante e as paixões que motivaram Roosevelt em se tornar um naturalista de museu (*museum naturalist*).

A obra está distribuída em 3 partes e contem ao todo 19 capítulos. A divisão em partes está relacionada a um enredo cronológico, abordando desde a primeira experiência de Roosevelt com a taxidermia de animais – ainda na sua infância – como as grandes expedições na África, organizadas em parceria com a *Smithsonian Institution*. Segundo Lunde, Roosevelt se autodenominava “caçador-naturalista” (Hunter-naturalist), e se sentia particularmente orgulhoso em poder utilizar essa vocação como uma possibilidade de colocar o seu talento como caçador à serviço da ciência. E sua empreitada como caçador, bem como a sua adesão à clubes de caça, foi também fundamental para que ele fosse protagonista na criação de um código de ética de cunho conservacionista entre os seus membros. São importantes as pesquisas documentais nesse sentido, e Lunde é bem-sucedido ao relacionar a atividade de caça ao trabalho científico das coleções de museus.

A primeira parte do livro é intitulada de *The Museum Naturalist*, e está dividida em 6 capítulos, que narram as influências primárias na paixão de Roosevelt pela vida selvagem e o ambiente natural. Filho de família abastada em Nova York, e morando na vizinhança do prédio que atualmente abriga o *American Museum of Natural History* no Central Park, Roosevelt cresceu com influenciado pelas leituras de aventuras na África, criando uma coleção particular e tendo o seu próprio museu em casa. Colecionando aves e reptéis compunha sua coleção pessoal, aprendendo a arte da taxidermia. Por motivos de saúde não frequentou a escola nos períodos elementares, mas ainda na adolescência desenvolveu no universo

privado o gosto pelo mundo natural (*wilderness*) e que posteriormente seria fundamental para suas ações em defesa do movimento conservacionista nos Estados Unidos. A origem calvinista e a relação desta religião com o mundo natural (STOLL, 2015), favoreceram seu contato com relatos de viagens missionárias e romances de aventura (LIVINGSTONE, 1858; REID, 1855; 1856). E parte dessas leituras forjaram em Roosevelt os princípios da *Natural Theology*, no qual a relação com o mundo natural era sobretudo algo moralizante (STOLL, 2015; DUTRA E SILVA, CARVALHO & SILVA, 2015). Aliando experiências pessoais do jovem Roosevelt o texto apresenta indícios do naturalista em momentos como a primeira visita ao continente africano e sua vida solitária em na universidade de Harvard.

A segunda parte do livro, intitulada *All Hunters Should Be Nature Lovers* está dividida em 7 capítulos que versam, principalmente, sobre as experiências de Roosevelt com o mundo natural e a fronteira Oeste dos Estados Unidos. Aqui o texto evidencia o caçador e a cultura da caça no universo da moralização masculina da época. Do mundo refinado da costa Leste às agruras do Oeste, o texto reforça o papel da fronteira para cultura americana, tese defendida pelo historiador F. J. Turner em sua obra clássica *The frontier in American history* (TURNER, 2010). O enredo é marcado por relatos de caça e a busca de Roosevelt por seus imponentes troféus, representado aqui pela captura de um grande mamífero, e cuja carcaça ocuparia algum lugar especial, visivelmente exposto aos visitantes. O texto evidencia o desejo de Roosevelt em se deixar registrar como um caçador naturalista, até em sua forma de se vestir no estilo mais rústico como um *trapper* (uma espécie de bandeirante, pioneiro caçador de peles). Ao mesmo tempo a narrativa procura relacionar esse contato com o mundo natural, reforçando que os ideais de conservacionismo estavam presentes, mas ainda não havia o despertar ideal no imaginário do biografado e nem na mentalidade norte-americana: “The importance of conservation – something that seemed so unnecessary in a country of plentiful wilderness – was still far from most American’s minds” (p. 106). A partir de seu rancho no território de Dakota, Roosevelt exercia seu papel como caçador, fugindo da vida pública na mundo urbano da costa Leste e se dedicando à busca dos seus troféus, que servia, conforme palavras do próprio Roosevelt, como uma prova bem-sucedida de suas habilidades.

Um ponto de partida na biografia de Roosevelt, e que modificou a sua percepção com a fronteira Oeste, foi o seu contato com George Bird Grinnell. Grinnell representava a sofisticada vanguarda de naturalistas que viam o Oeste Americano como um símbolo nacional de biodiversidade que precisava ser preservada, estudada e compor exposições em museus: “Like that of few other naturalista in the 1870s, Grinnell’s mind was uniquely trained to think of the western fauna in terms of extinction” (p. 118). Após lançar o livro intitulado *Hunting Trips of a Randman* em 1885, Roosevelt teve uma resenha publicada pelo próprio Grinnell, que a princípio não agradou muito a Roosevelt. Lunde defende a tese de que no contato

com Grinnell a percepção sobre os ideais de conservação ambiental foram lançados, tornando, a partir desse momento um valor fundamental na forma de Roosevelt se relacionar com a caça e o mundo natural: “The meeting in Grinnell’s office was Roosevelt’s first real education in conservation and an introduction to what was at stake for American’s natural landcage” (p. 132). Anos depois, e com as críticas de Grinnell em mente, publicou o livro *The wilderness Hunter: An account of the Big Game of the United States and Its Chase with Horse, Hound, and Rifle* (1889), compondo um conjunto de textos que daria a Roosevelt a legitimidade do reconhecimento como caçador naturalista. O texto evidencia a importante rede de pesquisadores e naturalistas que tiveram grande influência sobre o projeto “caçador-naturalista”. Pessoas como Clinton H. Merriam, Edgar A. Mearns, Edmund Heller, J. Alden Loring, Carl Akeley, dentre outros, reforçaram em Roosevelt a ideia de que o verdadeiro naturalista se faz no campo, na coleta de espécies e não estudando em livros e museus.

A terceira parte do livro procura reforçar a ideia de que foi na África onde Roosevelt conseguiu, finalmente, o tão almejado reconhecimento como caçador-naturalista. O texto ganha fluência ao narrar detalhes da expedição africana e da relação de Roosevelt com seu filho Kermit e o grupo de pesquisadores da Smithsonian Institution que participavam da missão. Aliado a uma documentação fotográfica importante o texto é convincente em reforçar o trabalho dos naturalistas em favor da ciência e da preservação da biodiversidade, tendo como atividade a caça e a coleta de espécimes, desde pequenos repteis a grandes mamíferos. Mas não deixa de ser ao mesmo tempo, algo que nos impacta, sobretudo pelas orientações mais contemporâneas sobre a ética e o uso de animais em pesquisa. Mas é interessante como essa narrativa também nos apresenta esse outro olhar, tão importante para a história ambiental e história das ciências. E nesse sentido, importante a recomendação deixada por Lunde na sua introdução: “This is the story of one man’s determination to experience nature without sentiment or judgment” (p. 6). Que desafio grande esse, experimentar da natureza desprovido de sentimentos e julgamentos, diante de um cenário marcado por orientações do ser politicamente correto e com tantas formas de cancelamento social.

A obra é uma importante contribuição para os interessados nos trabalhos de pesquisadores e naturalistas, que se aventuravam em coletas de fauna para compor arquivos e museus. Ao mesmo tempo reforçam o valor dessas coleções, sobretudo em uma época em que importantes acervos museológicos têm sido destruídos pelo descaso com a ciência e o valoroso papel dos museus para a preservação da memória natural do nosso planeta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUTRA E SILVA, S.; CARVALHO, H. G. DE; SILVA, C. H. M. DA. Colonização, Saúde e Religião: A medicina pioneira e o poder simbólico da moral social na Colônia Agrícola Nacional de Goiás - CANG (1941-1959). *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science*, v. 4, n. 1, p. 85-109, 2015.

ELIAS, S. S. R.; MARTINS, D.; MOREIRA, I. As Expedições Naturalistas e Cartográficas e as Práticas Científicas no Brasil do Século XVIII. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science*, v. 7, n. 1, p. 15-36, 2018.

LIVINGSTONE, David. *Missionary Travels and Researches in South Africa*. New York: Haper & Brothers, 1858.

LUNDE, Darrin. *The Naturalist. Theodore Roosevelt, a lifetime of exploration, and the triumph of American Natural History*. New York: Crown Publishers, 2016.

REID, Thomas Mayne. *The Boy Hunters; or Adventures in Search of a White Bufallo*. Chicago: M.A. Donahue & Co. Undated reprinting. Originally published, 1855.

REID, Thomas Mayne. *The Hunter's Feast; ou, Conversations Around the Camp-Fire*. New York: Robert M. Dewitt. Originally published, 1855

STOLL, Mark R. *Inherit the Holy Mountain: Religion and the Rise of American Environmentalism* New York: Oxford University Press, 2015